

LITERATURA COMPARADA

O ESPAÇO NÔMADE DO SABER*

Eneida Maria de Souza

○ convite a mim feito para discorrer sobre teorias, métodos e conceitos da Literatura Comparada e a maneira particular pela qual a disciplina é praticada na Faculdade de Letras da UFMG, coloca-me em posição de grande responsabilidade e risco. Todo relato de experiência acadêmica – embora ultrapasse a esfera individual e vise a institucional – tende a estabelecer recortes que privilegiam dados em detrimento de outros. Recursos que, de forma consciente ou inconsciente, falseiam a imagem, corrompem modelos, retocam perfis.

Na tentativa de se pensar a Literatura Comparada hoje, um primeiro ponto a ser destacado refere-se à experiência humanista e interdisciplinar de nossas Faculdades de Filosofia e Letras, cujo saber, no seu início, se concentrava literalmente no mesmo prédio, onde se respirava o mesmo ar nos corredores e se folheavam livros nas bibliotecas comuns. Por essa razão é que torna-se compreensível a afirmativa de Antonio Candido, pronunciada no *1º Congresso da Abralic*, em Porto Alegre:

Há mais de quarenta anos eu disse que “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada”, porque a nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando-os como critérios de validade. Daí ter havido uma espécie de comparatismo difuso

* Este texto foi apresentado na Mesa-redonda “Literatura Comparada: teorias, métodos e conceitos”, no Seminário interno de Pós-Graduação na UERJ, em abril de 1993. Participaram, ainda, da Mesa-redonda, os Profs. João Alexandre Barbosa e Luiz Costa Lima.

e espontâneo na filigrana do trabalho crítico desde o tempo do romantismo, quando os brasileiros afirmavam que a sua literatura era diferente da de Portugal.¹

O ensaísta reforça, assim, a existência de uma vocação comparatista espontânea e informal, coextensiva à atividade crítica no Brasil, levando-se em conta a necessidade de se pensar nacionalmente a literatura pelo viés – e apesar – do olhar estrangeiro. A situação atual desse estudo alcançou, como sabemos, avanços que ultrapassam as primeiras tentativas, sem contudo deixar de lado o valor das reflexões iniciais.

Amplio, dessa forma, a relação entre literaturas nacionais e estrangeiras, para entendimento do comércio interdisciplinar igualmente espontâneo e informal que orientava as pesquisas realizadas no interior das Ciências Humanas. Hoje, com o apoio de instrumental teórico mais sistematizado e pelo exemplo da situação vivida durante todo esse tempo – a separação das áreas, a divisão de domínios e a criação de fronteiras e portas disciplinares – estamos, pouco a pouco, retomando a tradição da interdisciplinaridade. Por meio da prática exercida em congressos, associações, cursos de pós-graduação e seminários integrados de pesquisa, pretende-se diminuir a fratura e abrir novos caminhos.

A criação do Doutorado em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG veio igualmente responder a essa demanda interdisciplinar e sobretudo interdepartamental. Iniciada em 1982 e levada a termo em 1985, com a abertura oficial do Curso, essa empresa contou com a deliberação de um grupo de docentes recém-titulados no exterior – Europa e Estados Unidos – e no próprio país, pelas universidades do Rio e de São Paulo. A esse grupo se juntaram alguns dos mais atuantes professores da primeira geração da Faculdade de Letras, o que facilitou o andamento e consolidação do projeto.

A criação do Doutorado, embora visasse a coerência interna de seu perfil, caracterizou-se, também, pela diversidade de formação pós-graduada do corpo docente, a par dos interesses comuns trazidos pelo convívio interdepartamental. Se, no início dos Cursos de Pós-Graduação na FALE (1974) o trânsito interdisciplinar realizava-se de forma eficiente, com o Doutorado o casamento tornou-se inevitável. Ressalte-se, ainda, que o número reduzido de docentes titulados contribuiu, na época, para a desejada efetivação desse convívio. Nos dias atuais, ainda que a nossa situação tenha se modificado em termos de titulação, persiste o interesse pela atualização de projetos integrados de pesquisa e pela abertura de diálogo com outras disciplinas.

1. CANDIDO, Antonio. "Literatura Comparada". In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 211.

Como se pode deduzir, o espírito mineiro atua de forma latente nesse tipo de estratégia institucional, se considerarmos que a lição aprendida lá fora serviu, inegavelmente, para desconstruir o “lar da tradição”, com a influência dos ares de outros espaços. A “Minas do lar/Minas sem mar” – evocada ironicamente nos versos de Silviano Santiago (“O que Minas?”) – sugere outra leitura do espírito mineiro, dividido agora entre o apego à tradição e a busca incessante do novo, do outro lado da montanha, ou, se quiserem, da condensação da imagem do mar com a montanha. Abandonar esse lar e aventurar-se pelo desconhecido, pelo outro lado de lá configuram a natureza nômade e inquieta desse saber sempre em processo. A natureza descentrada desse espírito, por se manter permanentemente em trânsito, possibilita a convivência salutar com diversas vertentes teóricas e metodológicas, reveladoras de uma formação que escapa da endogenia e assume uma perspectiva pluralista, aberta às diferenças.

Quanto aos efeitos que os estudos de Literatura Comparada provocam nas disciplinas teóricas e na diferente abordagem metodológica dos objetos literários, vale citar, aqui, alguns exemplos.

Embora nossa formação tenha sido sempre pautada por inclinações mais teóricas e reflexivas, a perspectiva comparativista tem o mérito de ampliar essa visão. Ao trazer, para o palco acadêmico, a discussão de seu próprio lugar na tradição da cultura nacional – minada, desde os seus primórdios, de teorias estrangeiras – a Literatura Comparada procura se nutrir da composição desse heteróclito tecido cultural.

O estatuto das teorias que aqui se instalam passa a ser interpretado com base nos diversos graus de recepção no país, visando detectar os fatores ideológicos que possibilitaram a entrada dessas idéias nos portos acadêmicos: o contrabando (saudável ou não) de objetos teóricos, o valor da mercadoria, e assim por diante. O espaço ocupado pela divulgação desses objetos importados no sistema institucional – pelo livre trânsito e pela quase diluição com os objetos nativos – torna-se, por essa razão, mais transparente. Consegue-se, portanto, mais facilmente entender o porquê da diferente aceitação de correntes teóricas verificada nas inúmeras instituições de Letras no país.

O nosso caminho teórico pretende conjugar a tradição de culturas nacionais com as estrangeiras – abstraindo-se da concepção estreita de lugares regionalmente marcados – e produzir *objetos teóricos* que revelem o efeito desconstrutor das relações interculturais. Valendo-se ainda dessa perspectiva analítica, o texto ficcional – ou artístico – assume funções próximas àquelas do texto teórico, podendo ser interpretado como imagem em movimento na qual a rede

metafórica é produtora de redes conceituais. Procura-se, ainda, repensar a própria tradição cultural produzida no Brasil, de forma a colocá-la em posição particularizada frente à tradição estrangeira: nem narcísica, nem edípiana. O olhar unívoco em direção a uma determinada tradição carece de malícia; a visão excludente de tradições teóricas revitaliza a gasta polêmica das “idéias fora do lugar”. Na ausência deliberada de um porto seguro para essas idéias, o importante é enfatizar o descentramento de lugares de origem, supostamente produtores de saber. Curiosamente, o verbo *comparar* vai sofrendo, ao longo do tempo, modificações que desconstroem posições universalistas e limitações de ordem nacionalista.

Quanto ao aspecto metodológico, nossa formação sempre se pautou pelos estudos de *ordem textual*, pela valorização do caráter intrínseco e imanente da obra literária, graças às experiências com a estilística, a fenomenologia, o estruturalismo e a semiologia. Essa prática, voltada para o exame particular do texto, para os detalhes de construção e as minúcias de efeitos de linguagem, continua a ser um de nossos maiores trunfos. Com a retomada das pesquisas inseridas num projeto mais abrangente e em perspectiva – em que se diminui o valor da profundidade e se focaliza o olhar em superfície – ampliam-se os horizontes da leitura textual, atingindo-se dimensões de natureza cultural.

A abordagem intercultural revitalizada pela pesquisa comparativista encontra na *prática tradutória* uma das formas mais abertas para o redimensionamento dessas relações. A tradição das literaturas nacionais se enriquece diante da possibilidade de trair modelos e repensar origens. Cresce, igualmente, o interesse pelo *lar nacional*, pela discussão de conceitos ligados à história e à literatura, à memória cultural, à preservação e conservação do patrimônio, de nossas coisas, que pelo fato de, por princípio, nos pertencer, permanecem sintomaticamente menos conhecidas.

Não foi, portanto, gratuita, a decisão de se criar o *Centro de Estudos Literários* na FALE/UFMG, com o objetivo de preservar e tornar acessível ao público acervos de escritores mineiros. Encontram-se, no momento, em estágio de catalogação e organização, os acervos de Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião e Oswaldo França Júnior.

Necessário, ainda, ressaltar, que a posição metodológica assumida diante do material a ser pesquisado nesses acervos – o estudo de fontes primárias – além de observar os requisitos básicos a esse tipo de pesquisa, pretende imprimir novo olhar sobre a recuperação do texto da memória. O sentimento de respeito à biblioteca pessoal dos escritores e ao armazenamento de seu arquivo se mescla a uma

atitude rebelde do pesquisador, pelo fato de ter a liberdade de embaralhar a ordem imposta pelos arquivistas. Babeliza-se a biblioteca, sem desvirtuá-la, com a ajuda da arte do *esquecimento*, da leitura distraída, para que se consiga ler, com certo distanciamento, o objeto que metaforicamente é de nossa propriedade.

Nascem, desse exercício infinito do saber, pesquisas valiosas para o estudo comparativista: biografias literárias, história do pensamento crítico brasileiro de determinada época, realização de edições críticas, publicações de inéditos e esparsos, organização de antologias, além da reconstituição de um conhecimento não monumental. A natureza enciclopédica dessa biblioteca deverá prioritariamente ser lida como estratégia desconstrutora de verdades e de propriedades autorais.

Pautada por essas reflexões, tento esboçar o espaço ocupado pela Faculdade de Letras da UFMG no interior das pesquisas em Literatura Comparada no Brasil. Aproprio-me, assim, da expressão de Ricardo Piglia, ao se referir à situação da literatura argentina diante da estrangeira, qual seja, “la mirada estrábica”. Segundo ele, essa metáfora traduz o caráter ambivalente e seminal das culturas representativas do chamado terceiro mundo: um olho dirigido para a inteligência européia e o outro para as entranhas da pátria”.²

Nessa rede de influências, desdubro a posição de Minas diante dos estudos de Literatura Comparada, tomando como eixo de relação tanto a produção teórica estrangeira quanto a nacional, realizada no Rio e em São Paulo.

Teórica e metodologicamente procuramos estabelecer a ponte entre as manifestações externas e internas, com o objetivo de desconstruir o pólo de oposições que gira em torno das categorias exterior/interior. Pelo fato de mantermos uma posição aglutinadora entre a voz do mesmo e do outro, esse *outro* não mais se impõe no seu estatuto de alteridade radical e de exterioridade excludente. A alteridade, entendida enquanto componente da subjetividade individual e cultural de todo e qualquer grupo, anula a face homogênea e endógena que certos guetos ousam conservar. Corpos e instituições, longe de se apresentarem através de um só rosto ou um único olhar, revestem-se de máscaras e de papéis distintos. Acreditar no descentramento cultural prefigura, de forma evidente, a desejada invenção e releitura de modelos hegemônicos, além de aquecer o diálogo acadêmico entre nós.

A conjunção heteróclita de vários olhares, voltados simultaneamente para o dentro e o fora do lar e da rua, da montanha, da planície, do mar e do além-mar traduz essa mirada cultural estrábica. Inspirada no paradoxo e na visão crepuscular das civilizações, cons-

2. PIGLIA, Ricardo. “Memoria y ficción”. CONGRESSO ABRALIC, 2, Belo Horizonte, 1990. In: *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1991. p. 61.

trói-se a montagem de paisagens teóricas, pela sobreposição da montanha, da planície e do mar.

Com base nessa múltipla composição geográfica, criam-se famílias e amizades teóricas, em que o conceito de influência passa a ser interpretado no sentido de revitalização de modelos. Harold Bloom, em seu livro *A angústia da influência*, ao analisar a prática da repetição e da descontinuidade verificadas no ato criador, confirma o que pretendo expressar no âmbito das relações de parentesco intelectual:

A verdadeira história poética é a história de como poetas enquanto poetas têm suportado o peso de outros poetas, assim como toda biografia é a história de como alguém suporta o peso de sua própria família – ou do deslocamento da família às figuras de amantes e amigos.³

A metáfora familiar se expande para o núcleo da amizade – a criação mais livre de laços, afinidades literárias e teóricas, grupos de gerações – e permite a invenção e a fabulação de um espaço neutro onde o convívio com a diferença não se transforma em dramas familiares. Essa prática consubstancializa o próprio gesto *metafórico* da tradução, que consiste justamente na leitura da tradição teórica nacional e estrangeira, de forma esquiva e falseada. A condensação de culturas permite o ato ousado e descompromissado da fragmentação, do recorte, do plágio e do esquecimento. Nessa operação substitutiva, não se cogita tampouco do valor atribuído ao original ou à cópia, a modelos e falsetes. Por meio do olhar irreverente e tranqüilo dessa “mirada estrábica”, conseguiremos refletir sobre a cultura brasileira sem resquícios de mágoa ou de ressentimentos. “O terceiro mundo”, já sabemos, não é mais aqui.

3. BLOOM, Harold. *A angústia da influência: Uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 132.